



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS: A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS EM
MOVIMENTOS RELIGIOSOS DE NATUREZA PENTECOSTAL**

SILVA, Claudia Neves da

Doutora em História

Universidade Estadual de Londrina

claudianeves@sercomtel.com.br

LANZA, Fábio

Doutor em Sociologia

Universidade Estadual de Londrina

lanza1975@gmail.com

Resumo

Quando falamos em religião, logo nos vem à mente ideias como fé, sagrado, teofania. Se, por um lado, estão corretas tais ideias, por outro, apresentam-se incompletas para entendermos a presença jovens em movimentos religiosos, nos quais a emoção, o fervor e a devoção são valorizados e incentivados. Partimos do princípio de que a religiosidade dá sentido à existência e equilíbrio para os diferentes aspectos da vida, determinando o comportamento e as ações de indivíduo, de seu grupo social e mesmo de uma coletividade. Outrossim, as condições materiais objetivas condicionam a percepção e atitudes diante das situações que acontecem ao seu redor, de sua concepção de vida, de religião, de política, de economia. Portanto, movimentos culturais e neles os movimentos religiosos que surgem, extinguem-se e ressurgem, vêm ao encontro das necessidades de homens e mulheres. A partir de observações de celebrações religiosas, foi possível uma primeira aproximação para compreendermos um fenômeno religioso que promoveu o surgimento de centenas de igrejas no Brasil e está presente nas Igrejas Tradicionais: o movimento pentecostal, o qual também provocou o aumento da presença de jovens nas igrejas. Se a religião não exerce mais a função cultural de centro integrador e harmonizador da sociedade, ela ainda tem a função de oferecer respostas para questões consideradas insolúveis, além de possibilitar a integração social daqueles que se encontram excluídos da ordem social vigente.

Abstract

When we talk about religion, immediately comes to mind ideas such as faith, sacred theophany. If, on the one hand, these ideas are correct, on the other hand, presents incomplete to understand the presence of young religious movements, in which the emotion, the fervor and devotion are valued and encouraged. We assume that religion gives meaning to existence and balance for different aspects of life, determining the behavior and actions of individuals, their social group and even a community. Moreover, the objective material conditions influence the perception and attitudes of the situations that happen around him, his conception of life, religion, politics, economy. Therefore, cultural movements and religious movements that appear, reappear and become extinct, come meet the needs of men and women. From observations of religious celebrations, it was a first approach to understand a religious phenomenon that has promoted the emergence of hundreds of churches in Brazil and is present in traditional churches, the Pentecostal movement, which also caused the increased presence of young people in churches. If religion does not carry over the cultural function of integrating and harmonizing the center of society, it still has the function of providing answers to questions deemed insoluble, besides facilitating the social integration of those who are excluded from the social order.

Palavras-chave: Manifestações culturais; Religião; Jovens; Modernidade

Keywords: Cultural Events; Religion; Youth; Modernity

PAP1318

1. Introdução

Ao andar pelas ruas das pequenas, médias e grandes cidades, um fato nos chama a atenção: o crescimento do número de igrejas que incentivam e promovem uma religiosidade calcada na emoção, na subjetividade, no indivíduo e que se apresenta como aquela que solucionará, ou minorará, os problemas físicos, emocionais, porque tem respostas ou conhece os caminhos que devem ser seguidos.

E quando falamos em religião logo nos vem à mente ideias como fé, sagrado, teofania. Se, por um lado, estão corretas tais ideias, por outro, apresentam-se incompletas para entendermos a presença cada vez em maior número, de adolescentes e jovens em celebrações ou movimentos religiosos, nos quais a emoção, o fervor, a devoção e a imposição de normas de comportamento são valorizados e incentivados.

Entre os anos de 2008 e 2011 foi realizada uma pesquisa com o objetivo de investigar as motivações objetivas e subjetivas que levam homens e mulheres a participarem de manifestações religiosas de natureza pentecostal. O interesse por este tema surgiu a partir da constatação do crescimento do número de igrejas pentecostais que se deu ao longo da segunda metade do século XX, recrudescendo a partir da década de 1970 em razão da participação e do engajamento de membros de igrejas serem observadas em várias áreas, como na política, na cultura, na economia e na área social.

Para compreender o fenômeno religioso e suas repercussões na contemporaneidade, fundamentamo-nos em pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como Pierre Bourdieu (2004) - que afirma que são nas igrejas em que se estruturam, produzem e reproduzem os discursos e práticas religiosas - e em Zygmunt Bauman, cujos estudos sociológicos se voltam para as relações sociais na sociedade contemporânea.

Além disso, recorreremos às técnicas investigativas da Antropologia, como a observação participante de celebrações religiosas das igrejas que fizeram parte do universo da pesquisa - para o presente artigo, apresentaremos o resultado parcial do estudo que realizamos nas igrejas Bola de Neve Church, Comunidade Nova Aliança, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Brasil para Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus - possibilitando uma primeira aproximação para compreender o fenômeno religioso que levou ao surgimento de centenas de igrejas e está presente tanto na Igreja Católica, como nas Protestantes Históricas: o movimento pentecostal, que promoveu, entre outros efeitos, uma ampliação do número de adolescentes e jovens nas celebrações religiosas.

Fato que nos chama a atenção porque as instituições religiosas exigem compromissos, como participação em serviços ou ministérios, e impõem normas de conduta, como proibição do sexo antes do casamento, discricção no vestir e no consumo de bebidas alcoólicas. E ao realizarmos entrevistas com os membros destas igrejas, verificamos que as motivações para estarem ali concentraram-se principalmente na busca de amigos, no equilíbrio familiar, na cura de enfermidades físicas e emocionais.

Em uma sociedade cujas necessidades humanas, as atitudes e os desejos individuais e coletivos são regulados pelas exigências do mercado para adquirir os bens à disposição, em que não ter condições de possuir e apropriar-se das riquezas materiais da comunidade, provocam a exclusão de homens e mulheres que não podem comprar e geram sentimentos como frustração, tristeza e impotência (SILVA, 2008), encontrar consolo e explicações para as agruras cotidianas apresenta-se premente.

E a instituição religiosa tornou-se uma possibilidade de buscar respostas para as dúvidas, as angústias, os problemas cotidianos e experimentar emoções, porque não há censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria, além de ser recebido por pessoas na porta da igreja com sorriso nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras. Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, pois sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia (SILVA, 2008).

Se por um lado, aqueles que crêem vão à igreja em busca de consolo e conforto para enfrentar a dor e os sofrimentos físicos e emocionais, por outro, segundo Bourdieu (2004, p.48) os fiéis: “contam com ela (religião) para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”

E assim, os fiéis constroem, desconstróem e reconstróem sua religiosidade a partir de seu estilo de vida, de pensar, de ser e de agir, fundamentada na emoção, na subjetividade e nos desejos individuais, como nos relatou o membro de uma igreja: “A mudança que Deus fez na minha vida, foi que ele me tornou uma pessoa mais calma, mais tranquila [...]” (A.).

As possíveis consequências de uma religiosidade centralizada no indivíduo e suas necessidades somente compreenderemos seu alcance na sociedade daqui a alguns anos, mas podemos supor que continuará aumentando as migrações entre as denominações religiosas e sua adequação a um público cada vez mais flutuante, haja vista o crescimento constante das igrejas evangélicas pentecostais e o declínio do número de membros das igrejas históricas tradicionais, como as Igrejas Católica, Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional.

Conforme estudos divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, a queda do catolicismo chegou a 68,4% em 2009; enquanto que os evangélicos, tanto os tradicionais como os pentecostais, registram um crescimento de 20,2% nessa década (FGV, Novo Mapa das Religiões, 2011, p. 7-8).

Há que se destacar que a procura por explicações na esfera sagrada para entender o plano terreno vem de longa data. Para amenizar o medo e conseguir suportar as dificuldades e os perigos de um mundo até então desconhecido, o homem buscou no divino a compreensão de fenômenos naturais, como o trovão, o terremoto, a chuva, a seca, a morte... Como assinala Freud (1990), as civilizações buscaram deuses dotados de poderes para dominar ou controlar o medo do desconhecido.

Estar em todos os lugares, conhecer todas as coisas, ser destemido e poderoso, são qualidades que os homens não podem ou não conseguem desenvolver. Assim, surge o deus da caça, para que haja caça e não fome, o deus do trovão ou raio, para proteger destes fenômenos que fogem das mãos humanas, o deus do mar, para controlar sua fúria.

Para cada necessidade, de acordo com Freud, um deus. Outro exemplo que está mais próximo de nosso tempo: os santos católicos. Na sabedoria popular, para cada santo um pedido: São Brás – protetor da garganta; Santo Antônio – o famoso santo casamenteiro; Santa Catarina – protetora dos estudantes; Santo Expedito – o das causas impossíveis; São Jorge – o poderoso que venceu o dragão. Cria-se uma relação do homem com os deuses, o estabelecimento de uma comunicação, através da prece, do jejum, da abstinência, do ritual. Como disse o membro de uma igreja:

Eu, pela fé que testifico em Deus, creio que Deus vai fazer uma obra, e vou voltar a ter os meus olhos de volta. Mas eu creio que Deus há de fazer a obra, e eu hei de largar os óculos [...](F.).

Como se percebe, a crença religiosa se sustenta pelo medo de desamparo, de abandono; e a religião torna-se, para o homem desamparado, o abrigo, o refúgio contra a violência, a falta de saúde, as incertezas. A crença diminui a angústia, traz superação das dificuldades humanas (FREUD, 1990). Não obstante o acesso e a disponibilidade à informação, com o suposto domínio da natureza, com a tecnologia cada vez mais avançada, as religiões estão vivas e fortes.

Os perigos se renovam, assim como os medos; tanto conhecimento traz ao homem a consciência de que os riscos que assolam a humanidade são dignos de temor, como as pandemias, os terremotos, os tsunamis, as enchentes, o aquecimento global. A ciência que edifica é a mesma que destrói, a que cria possíveis condições de cura, mas ao mesmo tempo, cria armas, venenos, condições cada vez mais rápidas de ruína.

Ainda que exista uma gigantesca evolução da medicina, a ciência não foi capaz de deter a morte. Indagações acerca da morte são feitas todos os dias; contudo, ainda não foram respondidas. O homem dificilmente busca ou consegue compreender o ciclo da vida, que leva à morte. Eis a fala de um membro da igreja: “[...] eu tinha um problema muito sério de saúde dos dois filhos, eles quase chegaram a óbito várias vezes, com a mesma doença [...]” (A.).

1. Pentecostalismo, Religiosidade e identidade: interface com a modernidade

A complexidade do real, modificado por homens e mulheres a partir de suas idéias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, improvisações diante do medo, da alegria, da dor, da fome, da morte, da vida, nas relações de dominação e subordinação, de resistência e passividade, leva a que a religião produza e garanta um ethos e uma quantidade de significados que cada indivíduo tem acerca de sua experiência emocional, afetiva e espiritual, os quais são reproduzidos nas ações diárias.

Nesse sentido, a religião - enquanto um sistema de crenças e práticas legitimado por símbolos que asseguram sua continuidade nos indivíduos, no grupo social e na coletividade, exigindo devoção e compromisso emocional, além de formular e reforçar princípios e valores éticos, cujos fundamentos são justificados no nível do sagrado - se adapta às necessidades e projetos de homens e mulheres, de acordo com o grupo no qual está inserido (SILVA, 2008).

E a religiosidade, entendida como manifestação pessoal de fé, em uma busca por experiências e valores que transcendam a dimensão material e corporal, dá sentido à existência do indivíduo no mundo e equilíbrio para os diferentes aspectos da vida (social, afetivo, emocional, espiritual), determinando desta forma, o comportamento e as ações deste indivíduo, de seu grupo social e mesmo de uma coletividade.

Outrossim, as condições materiais objetivas de homens e mulheres condicionam sua percepção e atitudes diante das situações que acontecem ao seu redor, de sua concepção de vida, de religião, de política, de economia, de cultura. Portanto, os movimentos culturais, e neles os movimentos religiosos que surgem, extinguem-se e ressurgem, vêm ao encontro das necessidades dos indivíduos.

Se nos voltarmos para o movimento pentecostal, verificaremos que as práticas e representações de seus líderes ajustam-se ao *habitus* do grupo social no qual estão inseridos, produzindo e reproduzindo as “estruturas objetivas das quais são produtos” (BOURDIEU, 1983, p.61) em suas celebrações, orações, evangelizações e pregações.

Antes de prosseguirmos, buscamos em Campos (1996); Mendonça (1997), Corten (1996), César & Shaul (1999) a definição de pentecostalismo, já que se propuseram a debruçar sobre o tema a partir de uma perspectiva histórica, antropológica e sociológica. Para nossa investigação, quando falarmos de igreja pentecostal, estaremos nos referimos a um segmento no interior do sub-campo protestante que prega a conversão, o batismo no Espírito Santo e a aceitação das determinações de Jesus Cristo, adotando uma ética comportamental que prega discrição no vestir e no agir, mas não leva ao afastamento das questões e situações do mundo material e carnal.

Comungamos com esses estudiosos que partem da suposição de que as possíveis causas do sucesso desse movimento entre diferentes grupos sociais, encontram-se na consolidação de uma sociedade urbano-industrial, que redefiniu as estratégias produtivas, remodelou as instituições sociais, transformou as relações sociais e prometeu projetar o indivíduo para a cena principal, ou seja, seria ele quem elaboraria seu modo de ser, pensar e agir independente das tradições familiares, religiosas ou de uma hierarquia institucional.

Para o pentecostalismo, o batismo daqueles que se converteram ou “aceitaram Jesus”, se dá após uma preparação e forte expectativa, que faz com que o novo crente cultive o sentimento de ter sido eleito por Deus, o qual está presente em tudo e em todos os lugares e tempos; fatos passado, presente e futuro estão relacionados em uma verdadeira fusão, cabendo ao Espírito Santo levar tudo e todos à sua plenitude, porque une vida corporal, sexual e psicológica. Homem e mulher se tornam íntegros e respeitados, desaparecendo também as divisões econômicas, sociais e culturais (SILVA, 2008).

Ainda segundo essa perspectiva teológica, não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal, trazendo doenças, desemprego, brigas e separações, bem como caos e desordem no grupo social. Portanto, converter-se e receber o batismo do Espírito Santo significa a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. “Deus é fiel” e se torna acessível, garantindo um novo sentido às atividades rotineiras do dia-a-dia, além da satisfação religiosa que as igrejas tradicionais até então não traziam. O toque de Deus revela que mesmo os mais desprezados pela sociedade são dignos de se tornarem a morada divina (SILVA, 2008).

Assim, o impacto da teologia pentecostal no interior das religiões tradicionais e da sociedade de modo geral, vem ao encontro da necessidade de justificar e reforçar atitudes e ações como a competição e concepções que exaltam a tecnologia, o individualismo e o consumo como alternativa para alcançar a felicidade e a paz.

Na verdade, essas idéias e ideais são frutos da modernidade e do desenvolvimento capitalista, processo que se iniciou no século XVIII e promoveu profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas em decorrência de uma nova forma de produzir, reproduzir e comercializar os bens materiais.

Testemunhou-se ao longo desses últimos séculos, a ampliação dos meios de comunicação de massa, o avanço tecnológico, que possibilitou alavancar a produção, diminuir os custos e ampliar o consumo para diversos segmentos sociais; modernidade que supostamente livraria as pessoas de uma visão mágica ou religiosa do mundo, das tradições e das hierarquias que engessavam a ascensão social, com a ciência apresentando-se como a única possibilidade de alcançar a verdade e o saber, e o conseqüente desenvolvimento econômico, social e cultural.

Os indivíduos se moveriam a partir de seus desejos e prazeres, os quais seriam ditados por um mercado repleto de opções para atender a todos. A novidade torna-se a possibilidade de ser, por alguns instantes, único a ter, porque logo é ultrapassado, sendo necessária a substituição pelo mais novo. O provisório torna-se o constante. Nesta provisoriedade, as normas, as regras, os sentimentos, os princípios e valores devem adequar-se, moldar-se às necessidades desses indivíduos.

A tarefa hoje é viver o momento presente. Como nos diz Bauman (2001, p.14):

Hoje, os padrões e configurações não são mais 'dados', e menos ainda 'auto-evidentes'; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir.

Assim, com o aperfeiçoamento tecnológico, possibilitando a geração de novos produtos com a produção em massa, estimulando o consumismo e a satisfação imediata, com a velocidade das mudanças que se operam nos diferentes campos da vida em sociedade, as relações interpessoais também tornam-se provisórias, imediatas, e com ela, as normas e regras que regem tais relações (BAUMAN, 2001).

Os valores morais são construídos a partir das relações sociais que se estabelecem em uma dada sociedade, que por sua vez, são determinadas pelas condições materiais de existência. Se essas relações são forjadas tendo em vista os interesses individuais imediatos, os valores e as normas de convivência também serão imediatas e provisórias, visando preferencialmente os interesses e prazeres de cada indivíduo em particular. Enfim, uma “sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2001), onde o consumo é o que determina as relações sociais.

O prazer e a necessidade individual determinam o que deve ser estabelecido, o que deve ser restringido. Não há definitivo ou inflexível, porque a flexibilidade é o dominante, sejam os bens de consumo, sejam as relações pessoais.

Diante do que muitos hoje denominam de pós-modernidade, como Bauman (2001) e Eagleton (1998; 2005), observamos que os grupos sociais vão se constituindo e se relacionando em conformidade com esta flexibilidade e provisoriedade. E os indivíduos que a estes grupos pertencem tomam como referência para constituição de sua identidade a interiorização das ações e experiências vividas nestes grupos e comunidades.

Contudo, se a provisoriedade e a flexibilidade hoje é o predominante, os grupos e a comunidade têm normas e atitudes contraditórias, levando que a contribuição na constituição da identidade também se apresente de forma contraditória e conflitante. Pode-se colocar que esta contradição na constituição da identidade social e individual sempre ocorreu.

No entanto, com a ascensão da necessidade de levar a liberdade individual às últimas conseqüências, e o conseqüente reforço do individualismo, estes grupos e comunidades também reforçam valores e princípios calcados no individualismo e no prazer imediato: “A situação presente emergiu do derretimento radical dos

grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir” (BAUMAN, 2001, p. 11). São escolhas que determinadas e limitadas pelo que é posto no mercado, devem ser orientadas pelo consumo de bens materiais para satisfação imediata.

Nesse sentido, a constituição da identidade individual e social também traz em si a marca da flexibilidade e da contradição, tendo em vista que o sentimento de identidade é construído socialmente em cada indivíduo, moldado de acordo com cada situação do real vivido, orientando sua ações e possibilitando o ordenamento e o funcionamento da sociedade.

Por outro lado, a identidade também é uma construção ideológica, porque apresenta-se como forjada pelo próprio indivíduo de forma autônoma e independente, não como fruto de suas condições materiais de existência, de sua localização na estrutura social, política e econômica, que determina sua produção de idéias, sua linguagem, sua religião e religiosidade.

Por fim, cabe ressaltar que a elaboração da identidade está diretamente relacionada com outros grupos ou comunidade diferente ou antagônica com o qual o indivíduo está permanentemente em contato ou confronto.

Como se pode apreender do exposto, a identidade - social e individual - constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se constantemente, em virtude das relações que são estabelecidas no interior dos grupos e da comunidade, que orientam e determinam o modo de ser, de agir e as escolhas. Uma dinamicidade fruto da própria dinâmica da sociedade. E é nesta sociedade em que o aparato tecnológico, o acesso ao consumo, a ciência e a razão mostraram-se insuficientes para as questões geradas dentro e a partir desse mundo moderno e capitalista.

Como as organizações vinculadas ao mercado e o Estado não conseguem responder de modo satisfatório às angústias da vida em sociedade, novos caminhos foram buscados. E a religião foi um dos caminhos trilhados.

2. Igreja: local de encontro dos que buscam seus iguais

Como já foi exposto no início, foram realizadas entrevistas -30 (trinta) - com homens e mulheres com a finalidade de investigar as motivações que os levam a freqüentarem uma igreja. Inicialmente, queremos destacar que os entrevistados tinham entre 18 e 40 anos e 70% era do sexo feminino. A seleção de indivíduos nesta faixa etária justifica-se porque observou-se, durante as celebrações religiosas, que a participação de jovens e pessoas do sexo feminino era expressiva, não sendo recomendável - no aspecto metodológico – subestimar este universo.

A partir das entrevistasⁱ, pudemos verificar que as razões fundamentam-se em escolhas individuais, tendo em vista que há uma identificação com a proposta e o discurso da igreja, assim como o jovem vai ao encontro de locais e pessoas com as quais se identifica na maneira de compreender a realidade na qual está inserido:

[...] eu já fui a outras igreja e não me identifiquei, e quando eu fui para a Comunidade Nova Aliança eu me identifiquei com a visão da igreja [...] (F.)

[...] O Bola de Neve (igreja) recebe o jovem como ele é, como ele realmente é, é uma igreja viva [...] (A.)

Aos jovens são apresentadas variadas possibilidades de se manifestarem e viverem conforme suas necessidades e interesses. E a igreja apresenta-se como uma alternativa de expressar sua individualidade:

[...] quando eu fui para CNA essa era a visão, de jovens que se guardam, que tem mesmo seu corpo como templo do espírito santo [...] (F.)

Há o reconhecimento de que houve mudanças, na maneira de ver o mundo, no comportamento:

Mudou a minha visão, a minha maneira de enxergar, as minhas condutas, a maneira de eu lidar com as pessoas [...]. (K.)

Na conjuntura atual, buscaram-se relações pessoais fundadas no afeto, no desejo de ser feliz, na satisfação e no prazer, tendo a liberdade individual e a liberdade de escolha como essenciais para a conquista da felicidade no plano terreno, assim como destaca-se a importância de viver o presente, o agora, o dia-a-dia, não cabendo a necessidade ou a obrigação de dedicação e filiação a uma luta ou causa, seja ela social, política ou ambiental, porque não estaria diretamente ligada ao cotidiano e os resultados se dariam a longo prazo:

[mudou] todo o caminho errado que eu vivia, mudou as escolhas erradas de jovem, de adolescente que eu comecei a buscar na palavra que eu aprendi aqui [...] (An.)

Eu fui de várias outras igrejas e então, não tinha muitos jovens. Eu sentia falta de amigos cristãos, amigos que tivessem os mesmos objetivos e valores que os meus. Então, depois que eu comecei a frequentar o Bola e a galera começou a aparecer, mudou no sentido de que eu...formou-se uma família [...] (M.)

É possível entender a espiritualidade enquanto elaborada e reelaborada a partir dos valores dominantes na sociedade. Neste sentido, o jovem, ao encarar a realidade, ou seja, as relações familiares, as relações de trabalho, afetivas, constata que estas não poderiam ser transformadas, mas aceitas com resignação:

[...] eu tentava buscar a paz através da promiscuidade, através das drogas, através do consumismo [...]eu pude ser curado de tudo isso através de Cristo e da sua palavra... (R.)

A mudança que Deus fez na minha vida, foi que ele me tornou uma pessoa mais calma, mais tranquila [...] (A.)

Segundo esse modo de pensar e agir, cada pessoa escolheria a sua própria religião, a sua própria crença, desde que se adequasse aos objetivos e demandas do seu cotidiano:

[...] eu me sentia um pouco deprimida porque eu não saía aos finais de semana [...]o meus amigos que não são cristãos, não tem princípios iguais aos meus, eles gostam de coisas diferentes de mim. (M.)

Eu nunca me separei das outras pessoas, mas acho que aqui [Igreja], o círculo de amizade acaba sendo mais forte, assim, com um objetivo maior. (M.)

Para os que se encontram em situação econômica desfavorável, a busca pela religião baseia-se na promessa e esperança de superar o caos diário, o sofrimento, as enfermidades e dar sentido à vida:

[...] Financeiramente, eu não trabalhava, e através de muitas súplicas a Deus, agora eu tenho um emprego. O emocional vem se transformando cada vez mais. (C.)

Enquanto que para os que pertencem aos grupos mais privilegiados economicamente, o interesse religioso funda-se no fato de terem uma vida correta e perfeita, mas vez por outra acometida por problemas sem justificativas – doenças, brigas familiares, dependência química, morte:

[...] me envolvi em um relacionamento com um homem casado, eu engravidei...e durante minha gravidez, eu retornei para a igreja. Eu tive uma conversão genuína, foi quando Deus me resgatou [...] (K.)

[...] foi um livramento mesmo não só prá mim, como para o meu esposo e toda minha família, que se converteu. Nós tivemos livramento de sobrinhos, de sobrinhos curados de câncer [...] (A.)

Há uma revalorização de elementos supersticiosos, sendo possível afirmar que é crescente, na população em geral, o fenômeno religioso, associado a uma carência subjetiva, estimulada pelos meios de comunicação de massa. Para Carvalho (1998, p. 86), seus argumentos vão

[...] inclusive no sentido oposto ao do propalado e debatido fenômeno da secularização: tão logo declinou a hegemonia do religioso no final do século XIX, o mundo audiovisual veio se incumbir de revitalizar a presença da mensagem religiosa na sociedade ocidental que se modernizava a passos largos.

No que se refere a esse aspecto, Hobsbawm (1995) faz um contraponto e expõe que o século XX permitiu perceber que os programas, “velhos e novos, [que procuravam] controlar e melhorar os problemas da raça humana” fracassaram e enquanto o socialismo e o capitalismo estão em crise, “os mais antigos guias para os perplexos deste mundo, as religiões tradicionais, não oferecem alternativas plausíveis” (HOBSBAWM, 1995, pp. 544-5)

Há que se destacar o fato de que o Brasil, ao longo do século XX, se urbanizou desordenadamente em decorrência do êxodo de milhares de homens e mulheres que, expulsos do campo, deslocaram-se para as cidades em busca de melhores condições de sobrevivência, mas que pouco ou quase nada conseguiram ofereceu para seus novos moradores. E a situação, ao invés de melhorar, degradou-se ainda mais, restando apenas o consolo e o conforto do sagrado. Na esteira da degradação econômica das famílias, verificou-se o crescimento de uma religiosidade calcada na emoção e na subjetividade, com o fortalecimento do movimento pentecostal (SILVA, 2008).

Fazemos nossas as palavras de Campos (1996, p. 93-94):

O pentecostalismo tem respondido de forma positiva às necessidades sócio-psíquicas das pessoas excluídas da modernidade capitalista. [...] Essa força surge exatamente da identificação do pentecostalismo com aquela cultura popular gerada numa tradição pré-capitalista, portadora de resíduos milenaristas, de um dinamismo capaz de dar aos pobres e excluídos a força de conviver com tantas desigualdades, vazio e miséria.

O movimento pentecostal, com novas práticas religiosas também apresentou uma nova teologia, aqui entendida como uma formulação conceitual (de questões relativas ao conhecimento de Deus) e sistemática de uma doutrina (um conjunto de normas e princípios que regem o pensamento e o modo de agir do fiel).

Em uma sociedade onde as necessidades humanas, as atitudes e os desejos individuais e coletivos são regulados pelas exigências do mercado para adquirir todos os bens à disposição de quem pode comprar, em que não ter condições de possuir e apropriar-se das riquezas materiais da comunidade e utilizar os serviços sociais que deveriam ser ofertados pelo poder público, mas não o são, provocam a exclusão dos espaços sociais que são frequentados por aqueles que atendem às expectativas do mercado, gerando sentimentos como frustração, tristeza e impotência (SILVA, 2008).

Portanto, ir à igreja é buscar a valorização das emoções, porque não há censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria e ser recebido por pessoas na porta de entrada com sorriso nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras, é uma possibilidade de encontrar respostas ou conforto para situações e problemas do dia a dia, porque lá será o local que se encontram homens e mulheres portadoras de *habitus* similares (SILVA, 2008).

A busca por uma igreja na qual possa vivenciar uma prática religiosa deve adequar-se ao estilo de vida, de pensar, de agir do novo crente. Este crente, cuja identidade se constitui em sua interação e experiências sociais, também se reconstitui e se reestrutura em uma troca contínua com os demais, possibilitando-lhe definir e redefinir seu sentimento de pertencimento a um determinado grupo social. Como disse um fiel:

[...] eu acho que é uma igreja que tem a minha cara, e me identifiquei com a visão da igreja desde o início. (R.)

Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, porque sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia. Como destaca um jovem:

É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscam a mesma coisa que você, tem o mesmo foco que você. (P.)

Nesse sentido, se, por um lado, os crentes vão à igreja em busca de consolo e conforto para enfrentar a dor e os sofrimentos físicos e emocionais, por outro, segundo Bourdieu (2004, p.48) os fiéis: “contam com ela (religião) para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”

Uma religiosidade que expressa as necessidades, anseios e angústias imediatas, urgentes. Um reflexo do que se verifica na sociedade brasileira contemporânea, ou seja, desinteresse para participar de movimento estudantil ou social, aumento de casos de depressão, do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, consumismo, apatia política, entre outras. Disse uma jovem:

[...] antes de vir para o Bola, eu tava totalmente perdido num lance de tipo...de bebida, de droga e tal...e quando eu me mudei prá cá, Deus...isso me deu amizades. (D.)

As possíveis conseqüências de uma religiosidade centralizada no indivíduo e suas necessidades, somente saberemos daqui a alguns anos, mas, a partir do que vimos estudando até o momento, podemos inferir que continuará aumentando as migrações entre as denominações religiosas e sua adequação a um público cada vez mais flutuante, efêmero e *líquido*.

3. Algumas considerações

As mudanças ocorridas nas áreas social, econômica, política e cultural ao longo dos últimos 40 anos no Brasil, exigiram que homens e mulheres redefiníssem sua concepção de mundo, de ser e de agir, levando muitos a irem ao encontro de movimentos que trouxessem a promessa de renovação e/ou certezas. Além disso, a ideia de conquistar a felicidade no plano terreno e de que é possível viver as delícias do céu neste plano é tentadora, porque rompe com o tradicionalismo religioso, que prega que as alegrias e o fim do sofrimento somente se darão após a morte.

E o movimento pentecostal, e nele as igrejas pentecostais, trouxe esse novo estilo de ser igreja, garantindo a possibilidade de resistência e fortalecimento perante as agruras da vida cotidiana, porque readequou e renovou valores tradicionais tão caros aos jovens, como a solidariedade, a amizade, a emoção, além de reforçar valores morais e princípios éticos considerados perdidos com a ascensão da modernidade.

Assim, cada jovem escolhe a sua própria igreja, a sua própria crença, atendendo aos objetivos e demandas de seu cotidiano, e provocando o surgimento de uma diversidade de denominações religiosas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, porque sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades, medos, angústias e obstáculos do dia-a-dia.

4. Referência Bibliográfica

Berman, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Bauman, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bourdieu, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 46-81.

Campos, L.S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: *Na força do espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. AIPPRAL: São Paulo, 1996. p. 77-118.

Carvalho, J. J. “Religião, Mídia e os Predicamentos de uma Existência Pluralista”. In: Moreira, A. (Org.). *Sociedade Global, Cultura e Religião*. Petrópolis, Vozes, 1998.

César, W.; Shaull, R. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Corten, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Eagleton, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Freston, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.67 – 159.

Hobsbawm, E. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

Lanza, F. *Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85): um olhar sob prisma do semanário O São Paulo*. 255 p. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mendonça, A.G. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UESP, 1997.

_____. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

Silva, C.N. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Assis, 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista.

ⁱ Os entrevistados serão identificados por letra